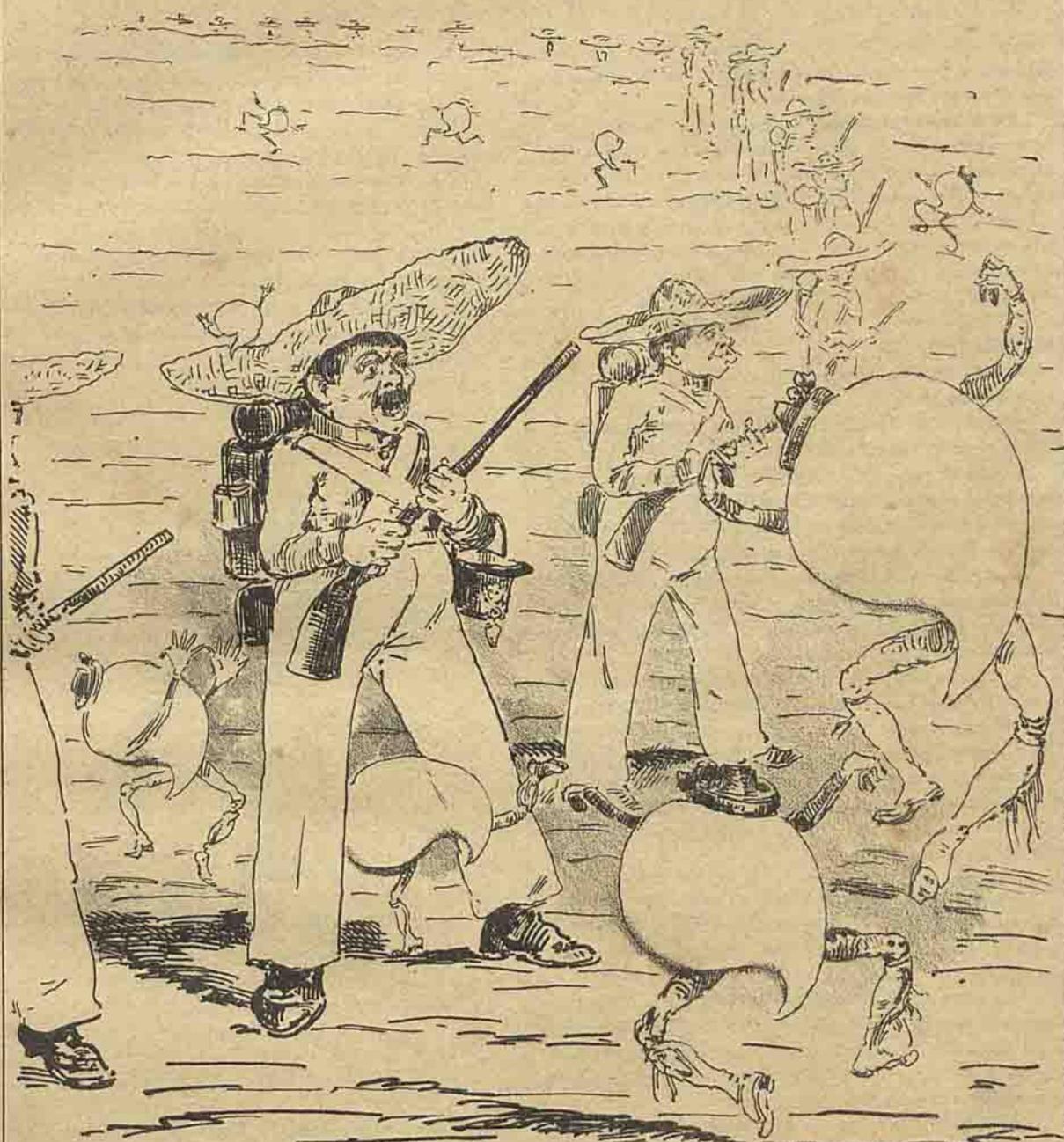


AS NOVAS BARRETINAS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O governo arrematou uma grande porção d'aquelles chapeus de palha do Algarve, chamados chapeus de ceira e que destina para cobrir as cabeças das praças empregadas no cordão sanitario, talvez na esperanca de que o microbio, vendo-os de longe, tome, pelo volume, cada soldado por um regimento...

Mas o bicho não faz caso, e salta como gafanhoto por cima das ceiras, apesar de lhe cheirarem a figo, que é, segundo os entendedores, a melhor coisa que existe para matar o bicho.

CHRONICA

As administrações das folhas noticiosas realisam sempre, n'esta época, uma economia importantissima nas despezas typographicas.

As noticias relativas á villegiatura indigena, que é tudo quanto ha de mais interessante na quadra que atravessamos, são compostas por uma só vez, servindo todos os dias nas secções do *high-life*, com a alteração apenas do nome dos viajantes e o da tereola para onde vão passar a calma — precisamente como os annuncios da companhia do Pacifico, em que apenas se substitue o nome do paquete e o itinerariõ da viagem.

«Partiu hontem, para as Caldas de Vizella, o sr. barão de J. H. P.»

«Parte hoje, para os banhos da Nazareth, a sr.^a viscondessa de D. K.»

«Deve partir amanhã, para a sua quinta das Cegonhas, o sr. commendador ...»

E isto todos os dias, desde o 1.^o de julho, sem interrupção nem descanso, ao ponto de parecer impossivel como ainda temos barões, viscondessas e commendadores que cheguem para a exportação!

Se a generosidade do governo não nos acudisse tão frequentemente com a farta provisão de mercês novinhas em folha, já tínhamos feito bancarrota de commendadores e viscondessas!...

A estação dos caminhos de ferro offerece sempre, á hora dos comboios, uma animação pouco vulgar.

Mal se abre a porta do salão de espera, montões de familias precipitam-se na gare, assaltando os compartimentos dos *wagons* com a mesma ferocidade com que minutos antes tinham assaltado o americano na estação do Conde Barão e o meio bife á ingleza no *restaurant* do caminho de ferro.

— Corram, meninas! Depressa Genoveva! Avia-te! *Sabastião!* que aqui temos um logarsinho *incellente!* grita D. Emiliana bispando um compartimento ainda devoluto.

Mas em quanto as meninas correm, a Genoveva se apressa e se avia o *Sebastião*, o compartimento é invadido por meia duzia de rapazes alegres, toireiros amadores, que saem de Lisboa a medir forças com bois n'uma corrida da provincia.

— Eu bem lhes disse que se aviassem, berra D. Emiliana exasperada; mas vocês são umas *asembolas* que até parece que não tem pernas!

— Ainda ha muito logar, observa um dos rapazes do rancho, com o olho na filha mais nova da D. Emiliana.

— Muito obrigada ao seu favor, mas nós antes queremos ir sosinhos... (e, resmungando:) sucia de malcriados que nem sabem dar o logar ás senhoras... Venham meninas! Anda Genoveva! meche-te *Sabastião!*

E lá vão todos, correndo de enfiada e com o coração aos pulos, receiosos de que o homem toque a sineta e o carrão abale deixando-os desembarcados!

— Aqui, Emiliana! aqui! brada o chefe da familia, parando ao pé d'outra carruagem.

— Ahi nem que tu me doirasses! Não vês que vae uma *criança piquena?* farta d'ellas estou eu até aos olhos...

— N'este parece-me que não vae ninguem, diz a criada Genoveva mais adiante.

D. Emiliana encarrapita-se no estribo afim de espreitar para dentro, mas n'isto assoma á portinhola uma criança berrando de bocca aberta como se lhe estivessem arrancando o coração ás pitadinhas!



— T'arrenego! (faz D. Emiliana, saltando d'um pulo para o chão, em graves riscos de quebrar os dois barrotes que lhe desempenham as funcções de pernas;) estas familias d'agora andam todas *inçadas de crianças*... Parece que não fazem outra coisa...

E assim vão percorrendo todos os compartimentos que, ou encontram cheios a deitar por fóra, ou com uma criança de sentinella á portinhola!

Sobre este caso das crianças devemos dar uma explicação muito util para todas as Emilianas que futuramente viajarem.

Aquella pequenada que se vê ás portinholas dos wagons, berrando e afugentando as familias amigas do seu socego, não segue no comboio, como muitos teem imaginado...

Os pequerruchos são tomados de aluguer pelos passageiros mais espertos e estão ali provisoria e precisamente para afastarem os viajantes, a maior parte dos quaes toma logar n'outra divisão, preferindo ir como sardinha em tijella a aturar a berraria do pequeno durante algumas horas de jornada.

Quando o comboio vac a partir retiram as crianças, seguindo muito á larga as pessoas que as alugaram.

Nada de mais engenhoso e nada de mais simples

Os exploradores d'este moderno processo de viajar commodamente em compartimento reservado, sem pagar o excesso á companhia, trazem as crianças n'um cesto de vinte e quatro divisões, semelhante áquelles empregados no transporte de garrafas.



Não apregoam para não tornarem a industria demasiadamente conhecida, o que equivalia a annullar-lhe os efeitos.

Chegam-se ao passageiro e offerecem a meia voz.

—V. ex.^a precisa d'um menino? Temos de 1.^a, 2.^a e 3.^a classe: doze vintens, um cruzado e cinco tostões... Os de cinco tostões, basta dar-lhes um beliscão pela banda de traz para berrarem um quarto d'hora sem tomar o folego.

E aqui está porque D. Emiliana não chega a nenhuma portinhola que não lhe appareça logo lá de dentro a cabeça de Meduza d'um menino endiabrado!

Afinal, esgotados todos os recursos, isto é, todas as portinholas, D. Emiliana não tem mais remedio senão tomar logar no compartimento dos rapazes toireiros!

E' a hora; a sineta dá o ultimo toque e quando o comboio vac pôr-se em movimento, D. Emiliana vê entrar ainda pela porta dentro um casal de viajantes acompanhados de dois filhas — sem serem de aluguer —

o mais velho dos quaes come pão com marmellada que o lambusa até aos cotovellos, e o mais novo — desmamado de vespera — berra como um damnado desde a partida de Santa Apolonia até a estação do Entroncamento!

Quando tocava em Santarem já o comboio ia mais leve, porque a D. Emiliana tinha emagrecido metade do seu volume!...



No jardim do palacio Ponte de Lima realisou-se uma noite d'estas o primeiro concurso de belleza em Portugal, sendo offerecida uma medalha de oiro á senhora mais bonita e que maior numero de votos alcançou.

O *Diario Illustrado*, que devêra ser o primeiro a publicar o resultado do certame, dando a conhecer ás suas gentis leitoras o retrato d'aquella que a todas mette n'um chinello, absteve-se — por um sentimento de modestia que lhe fica a matar — de dar á estampa a formosa vencedora.



Pois damol-a nós, para que Portugal e as adjacentes fiquem sabendo quem tem mais bonito palminho, isto é, mais bonito palmão de cara.



Referem os jornaes que o rei de Dahomey mandou ultimamente fazer algumas centenas de prisioneiros destinados ás horrosas hecatombes que os dahomeanos celebram em grande pompa.

O homem n'alguma coisa se hade divertir e alguma coisa hade exigir do seu povo...

N'aquellas terras não ha theatros, não ha Martinho, não ha Jardim Zoologico, não ha sessões parlamentares, não ha bailes campestres, não ha nada, de fórma



A DIOGO SOUTO

FINIS LUSITANIÆ

(AO EPICO DO AMOR PA PATRIA)



O sol do teu poema, — astro fulgente,
que nem se os empañão de neblinas! —
encara absorto as gelidas ruínas
da Pompeia moral do Occidente..

Diogo Souto.

Aniversario da morte de Luiz de Camões, 1885.

ARHNE: POPPILOPINETRO

que o infeliz monarcha vê-se na dura necessidade de lançar o imposto de mil cabeças para passar, ao menos uma vez no anno, uma tarde divertida!

Cá está o sr. Fontes, que tem theatros e tudo mais, não obstante o que, faz todos os annos hecatombes não diremos de milhares de cabeças mas de milhares de contos, o que ainda é mais puxado, visto como andam por ahí cabeças que não chegam a valer um pataco quanto mais um conto de reis...

Tudo, em summa, é questão d'uso,
Do mundo nos horisontes:
Cada roca com seu fuso,
Cada terra com seu Fontes...

PAN-TARANTULA.



DAS CALDAS

Acabou a festa, desmanchou-se a *kermesse*, terminando pelo leilão do refugio dos premios.

Alguns objectos attingiram preços fabulosos, incluindo o chapéu de palha do Freitas Rego, que custára cinco tostões e foi arrematado por seis!!! (Sem miolo, já se vê.)



Adquiriu-o uma companhia composta do Monteiro Milhões, Topa-a-Tudo, visconde de Gandarinha e outros, que vac cortar o chapéu em bocadinhos, vendendo depois as reliquias a quinze reis cada uma.

Deve ganhar rios de dinheiro!

Elle, o tal do bicho *carapinteiro*, continua no club a ser o astro rutilante d'este céu de polkas-mazurkas, se bem que um tanto empanado nos ultimos dias, com a presença d'um novo astro, coruscante desde o plastron até ás phalanges do dedo *maminho*!



São diamantes d'um tamanho que mais parecem oriundos de Però Pinheiro de que da montra do Leitão!

Em todo o caso *elle* continua a ser o primeiro, porque não deixa o credito das suas pernas por mãos alheias...



Aquillo nem são pernas; são dois diabinhos vivos, embrulhados n'um córte de casimira franceza...

Ellas encolhem-se, ellas estendem-se; ora se dobram ora se desdobram; para aqui se embrulham, para ali se desembrulham, tão flexiveis, tão elasticas, tão movediças, que chega a parecer que o homem nasceu sem pernas e que a comadre, para occultar o aborto, lh'as substituiu por duas sanguesugas que teem ido crescendo com elle!...

Se o conselheiro *Pim* chega a desconfiar de semelhante coisa, é muito capaz de lhe cortar as pernas e leval-as para a botica para augmentar o bicheiro...



A' falta de *kermesse* os banhistas não teem outra distracção senão o passeio da Copa antes de jantar e o passeio da Matta depois da sobrezeza.

A' entrada da Copa, um quadro pendurado na grade chama a atenção de quantos por ali passam.

E' o retrato d'um famoso dentista que veio não se sabe d'onde — o que também não importa porque os genios não tem patria — e o qual, chegado ás Caldas,

«Não pretende ajuntar fundo
Co'os grandes segredos seus
E, cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo!»

E só tirando os dentes a todo o mundo o homem conseguiria como conseguiu, reunir todos os dentes de que se cobre, desde o alfinete da manta até aos grilhões do relógio, incluindo o lençinho do bolso, cujas pontas são feitas de tres dentes queixaes!



O homem tem percorrido todos os hotéis da terra e de todos elles tem sahido a instancias dos proprietarios, que não teem comida que chegue para tantos dentes!

Aquillo, em se sentando á mesa, todo elle tasquinhava sem conta, peso nem medida, desde o laço da gravata até ao atado das cecroilas!

Uma vez ao jantar caiu-lhe um peru recheado em cima do grilhão do relógio e, quando o criado de mesa lhe accudia, o pobre peru já estava todo mastigado!

Ha dias deu-se no Pinhal um caso interessantissimo.

Como se sabe, o conselheiro *Pim* mandára construir alli uns bancos economicos (a economia é o seu credo) cada um dos quacs consiste n'uma taboa comprida, pregada sobre tres pinheiros, que o conselheiro fez serrar a altura conveniente.

Ora ha dias — ha dias, não: — ha noites, um Romeu e uma Julieta, alongando-se no passeio da Copa, foram dar com os ossos na poesia verde do Pinhal, que a luz da lua illuminava pallida.

O passeio fóra fatigante e os *pombinhos* tomaram assento n'um dos citados bancos.

Arrulharam, arrulharam até fóra d'horas, e só pela manhãzinha, quando iam a levantar-se, é que repararam que o chão estava mais de tres metros abaixo do assento do banco!



Succedera uma coisa bem simples: os pinheiros durante a noite tinham crescido, crescido, — talvez com curiosidade de espreitarem o que se passava por cima d'elles — e por isso o ditoso par se encontrava inesperadamente no caminho do setimo ceu...

Durante o dia os pés do banco continuaram a crescer, a crescer, e os *pombinhos* a subir, a subir, e arrulhando sempre, coitadinhos, de fóra que, quando a tardinha a familia da *pomba* veio dar com elles, já estavam enpoleirados na ramagem verde do Pinhal que a luz illuminava pallida, construindo um ninho, afim de passarem a noite com todas as commodidades!..

Dizem novas lá de fóra,
N'um reclame espaventoso,
Que appar'ceu na Granja agora
Outro melro virtuoso!...

Por botica ou drogaria
N'uma caixa traz um dente,
Que nos cura a hydrophobia
Quando um cão morda na gente!

O que estranho, e que decerto
O leitor também estranha,
E' que fosse á Granja perto
Parar ventura tamanha!

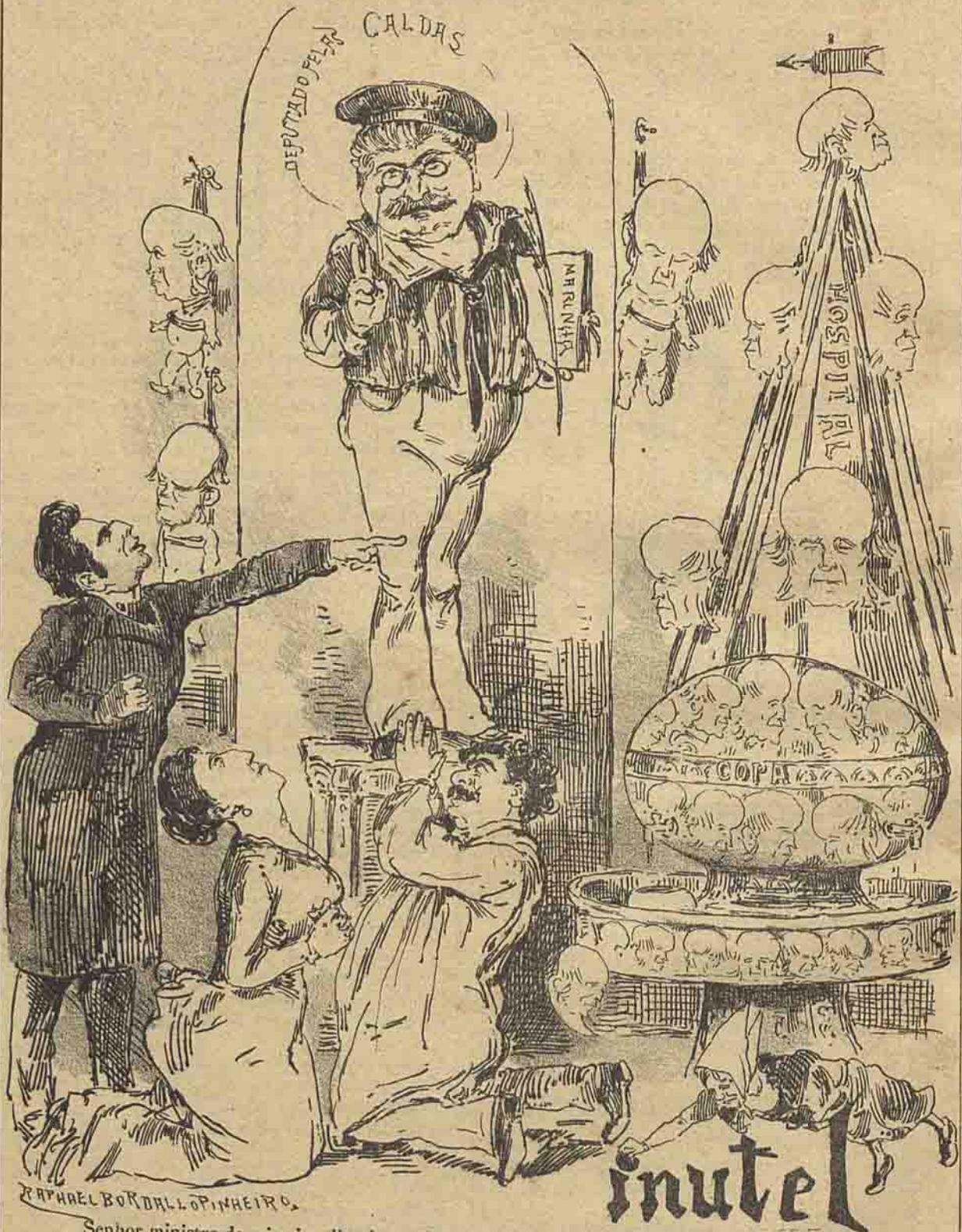
Pois o dente a que se allude,
Queixal, incisivo, ou presa,
Sendo dente de virtude,
E' do Fontes, com certeza!

Fontes, que as coisas arranja
P'ra segurar a dentuça,
Mandar um dente p'ra a Granja...
— *Tó rôla*... qual carapuça!...

Só se o Fontes, que é um barra,
Fornecer a materia prima
P'ra a Granja roer na parra
— Quando elle acabe a vindima...

PAN-TARANTULA.

ORAÇÃO



Senhor ministro de misericórdia, deputado pelas Caldas da Rainha, refugio e fortaleza nossa, attendei a nossos piedosos rogos!

Pelas *Chagas* do vosso appellido, em nome da civilisação e do rheumatismo, do bom senso e das cava-cas das Caldas, tirac do Hospital aquella peste, aquelle microbio da villa! Dac-lhe, Senhor, casa, cama e mesa, roupa lavada e engommada, dinheiro para cigarros e um caixote de bilhetes de visita, que elle se entre-tenha a distribuir pelas pessoas das suas relações durante o dia; dac-lhe, Senhor, chá e pão com manteiga á noite, mas dac-lhe tambem um valente pontapé que o atire d'aqui para fóra!

Amen...